

## Posfácio

### Sob o Signo do Cuidar: Um Logos

#### I

#### “Cuydaçom”

*Cuidar*. Novamente: *cuidar*. Mais uma vez: *cuidar*. Verbo simples, aparentemente desprovido de mistérios. Não se imagina ninguém a acordar de madrugada com a preocupação de chegar à essência do que está representado por esta palavra pouco amada. Parece não haver nela um sinal de aviso e urgência, limitando-se aos assuntos que povoam os dias. No entanto, se o que lhe diz respeito fosse retirado da vida humana, nada poderia ficar. A prova disso é fácil. Veja-se como. O tempo que cada ser humano tem para viver é uma coleção de cuidados. Ainda antes de os ter, a própria pessoa teve de ser objeto do cuidado de alguém porque, caso contrário, não teria nascido e não se poderia ter desenvolvido de modo a realizar plenamente a sua humanidade.

A etimologia da palavra mostra também o império vasto do seu significado. O verbo português deriva do verbo latino *cogito, avi, atum, are*, que tem o significado de pensar, ponderar, imaginar e ter intenções a respeito de alguém. A presença na língua portuguesa está assinalada desde o século XIII. Nas *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, o Sábio, lê-se “e do demo que, por tentar, a cuydou vencer” (1959, p. 15; Machado, 1952, p. 177). O *Horto do Esposo*, uma das joias do pensamento sapiencial português do fim do século XIV ou início do XV, regista subtilezas cheias de significado. Ora se dirige a alguém sonhador ou dividido nas suas fidelidades, admoestando-o com a denúncia de que está “em huu lugar e

andas com o coração e cõ a cuydaçom em as cidades”; ora aponta para uma instância da vida interior a que a pessoa recorre para proceder do melhor modo possível, como quando descreve que “dentro ê sua cuydaçom demãdou conselho” (Maler, 1956, pp. 58 e 309). Esta palavra que hoje causa surpresa – “cuydaçom” – não teve, infelizmente, continuidade, mas, de algum modo, sente-se a falta dela porque mesmo a atividade do devaneador que é admoestado mostra uma estima eletiva. Afinal, só se sonha com o que se deseja profundamente. A bigorna fria e dura da voz da consciência interior nada parece ter a ver com o desiderato do intangível. A velha “cuydaçom” tem a flexibilidade de irmanar a retidão da bigorna com o paraíso privado do devaneio. Deste ponto de vista, tem tudo para ser uma das melhores candidatas a se apropriar do espírito da velha palavra grega *aretê*, a que faz sonhar as pessoas com o desenvolvimento mais perfeito que serão capazes de alcançar: o zénite da virtude ou da excelência. Diferentemente da palavra grega, a “cuydaçom” parece apontar para uma instância determinada (a faculdade de ponderação interior ou a vida num estado que se deseja), e não tanto para o desenvolvimento do todo que é cada pessoa. As duas palavras parecem encontrar-se, contudo, no objeto ideal que as atrai. O sentido eletivo da “cuydaçom”, como as cidades em que o sonhador quer estar, constitui uma perfeição que se alcança através de uma diligência determinada; também a *aretê* procura alcançar uma perfeição, seja no desempenho de uma tarefa, seja no desenvolvimento mais completo da pessoa. Dizendo de um modo mais intuitivo: a palavra portuguesa parece representar uma flor perfeita no campo e a palavra grega a perfeição de um campo florido.

Seja a palavra do português medieval, seja da velha língua grega, seria muito importante que no português moderno alguma outra se apropriasse do sentido de ambas. O cuidar está quase lá: compartilha com ambas a fragilidade do resultado – afinal, estar na cidade

pode deixar de ser o desejo do sonhador e o nível mais elevado da *aretê* só se alcança raras vezes – e a necessidade de se dedicar com constância ao seu objeto. Cuidar aponta para uma perfeição que é possível colocar no mundo. É a atração de um ideal que irmana as três palavras. Não se ouve a voz da consciência, mas é isso que se deveria fazer; não se está no paraíso privado, mas é isso que se procura alcançar; não se atingiu o desenvolvimento mais perfeito que exige ser realizado, mas é por ele que aspiram todas as fibras do ser; nunca se cuida suficientemente bem de algo, seja tarefa, objeto ou pessoa, mas procura-se colocar no mundo uma bondade que ele não tinha anteriormente. Tudo isto acontece ao longo do tempo e não há garantias de que corra bem; no entanto, é a coisa certa a fazer. Com um magnetismo poderoso, o que não é ainda e que talvez nunca possa ser de facto atrai a pessoa, molda-a no seu barro e esculpe-a no tempo. Ninguém sabe por que razão isto acontece, nem por que razão esta é a única felicidade que está ao alcance das pessoas. É o que lhes acontece.

A luta simpática dos verbos com que a alma portuguesa tentou dar sentido às coisas da vida aparece a abrir o monumento literário que é o *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, já do século XVI mas que recolheu a poesia do século anterior. O poema bem-humorado do *Cuydar & Sospirar* coloca em tribunal – literalmente! – as pretensões dos dois verbos personalizados por dois amorosos à conquista de uma bela mulher, a dama Lyanor. Depois de uma longa apresentação das razões de cada um, Lyanor decide-se pelo suspirar: “julgo nos autos d’amor / sospirar por vencedor”. No recurso da decisão para o deus do Amor, acaba por ser a própria Lyanor a ser punida com “myll cuydados matadores”. No fim, depois das agruras do desejo, tudo se compõe, segundo uma ordem que ultrapassa as razões de todos os envolvidos: “vem huum bem tam apurado, / huum prazer tam agruado, / em que myl ganha por çento”, e até mesmo Lyanor fica “descayda com amor muy afycado, / mea morta, esmorecyda, / se

outorga por vencyda / em galardam do passado” (Kausler, 1846, 78, 104 e 105). Há aqui toda uma lição sobre o que move de facto os seres humanos. Melhor ainda: revela-se que o cuidado anela a sua própria superação num estado de *sans soucis*. Não se trata só de um negócio perfeito em que se ganha mil por cento, mas de um deixar-se ficar, tal como Lyanor quando se dá por vencida no prazer. A ideia preocupante que a lição não chega a declarar é a de que não há ideal exterior que possa melhorar a ordem certa da vida: atingir esta ordem certa já é tarefa ideal quanto baste, para nada dizer sobre a dificuldade. Não há felicidade humana que não faça parte da ordem geral das coisas em que a vida das pessoas se integra. Dizendo de outro modo: não há felicidades inventadas de propósito para ninguém.

Muito mais tarde, já no início do século XVIII, o Padre Raphael Bluteau recolhe os adágios da sabedoria popular portuguesa relacionados com o cuidar. Recorde-se o pedagógico “Cuidar bem não é saber”, o precaucioso “cuidá-lo bem e fazê-lo mal”, ou ainda o ponderado “Cuidar muitas, fazer uma” (Bluteau, 1712, p. 633). A lição profunda da língua parece apontar para um conteúdo mental a que a inteligência dedica tempo, como se fosse uma obsessão simpática. Não há ligação necessária com o domínio intelectual do assunto por parte da pessoa que cuida, nem com a sua verdade última. Parece estar em causa a mera estrutura da intencionalidade, isto é, um conteúdo mental e a relação de referência desse conteúdo a algo exterior. Contudo, a intencionalidade é comum a toda a vida mental: a percepção de que as bermas de uma estrada se encontram no infinito é construída pelo cérebro e projetada sobre a realidade exterior. Diferentemente, pois, o cuidar parece ser uma atenção redobrada a algo, um matutar em algo, uma intenção especialmente reforçada. Há uma ambiguidade intrínseca à palavra porque tanto se recomenda o cuidar de algo para evitar uma má decisão, quanto se suspeita que esse cuidar é inútil porque, em última análise, o

conteúdo do pensamento de alguém não representa necessariamente o modo de ser do mundo. Os milhões de pequenos atos quotidianos que foram decantados e sublimados no adagiário expressam a verdade incómoda de, apesar de se poder pensar bem os assuntos, ainda assim tudo poder correr mal. É o que se observa no desiludido “Quando cuidas meter o dente em seguro, toparás o duro”, e no delicioso “Não compres mula manca, cuidando que há de sarar, nem cases com mulher má, cuidando se há de emendar” (Rolland, 1841, p. 40). Esta dissonância entre os dois registos da palavra encerra o seu valor apelativo: apesar de não haver garantias de que cuidar corresponda à ordem das coisas do mundo, é, ainda assim, o melhor que se pode fazer. É a sabedoria possível.

Toda a vida mental parece poder ser perspetivada deste ponto de vista. Cuidar no pensamento, por exemplo, é deter um conteúdo e regressar a ele várias vezes, preocupar-se com ele, dedicar-lhe uma estima que não se dá a outros assuntos. O comportamento também revela a estrutura fundamental do cuidado: uma tarefa ou assunto a que a ação humana se dedica. Como ninguém poderá ocupar-se de um assunto sem que tenha as faculdades necessárias para reparar na existência desse assunto e agir a seu respeito, o cuidar irmana a vida mental interior e o comportamento exterior dos seres humanos. A visão não se vê a si mesma, mas apenas vê os objetos que entram no seu espaço percetivo. A memória não se recorda de si mesma, mas de um evento ou de um facto. A capacidade de amar não se ama a si própria, mas apenas a outra pessoa. A faculdade de agarrar objetos com as mãos não se agarra a si mesma, mas agarra ou toma objetos que interessam ao sujeito. É provável que esta seja uma das características metafísicas mais importantes dos seres humanos, tão assombrosamente importante que é difícil pensar qualquer assunto humano na sua ausência.

A falta desta característica no descuidar é mais aparente que real; o homem do *Horto do Esposo* que tem a sua “cuydaçom” nas

idades descuida os assuntos do lugar onde está, mas não se liberta de todo do cuidado porque, afinal, sonha com um sítio melhor. Pode ser censurado pela avaliação errada das prioridades e pela falta de acordo entre o que elege e aquilo que a situação exige; porém, não pode ser censurado por não cuidar em absoluto, porque a perfeição deste absoluto talvez não esteja ao alcance dos seres humanos. As capacidades dos seres humanos estão como que em desequilíbrio em relação à realidade, como se “caíssem” para fora de si mesmas. É nesta queda que revelam a sua existência, se tornam úteis e permitem a ação. Como, por sua vez, os objetos e assuntos só denunciam a sua presença quando há uma capacidade humana para reparar nessa presença, a estrutura metafísica do cuidado parece que não apenas aponta para a categoria da relação mas que a expressa. Tudo no ser humano, e em qualquer inventário que se fizer, é de natureza relacional. A relação é certamente um assunto mais vasto que o cuidado porque há aspetos da natureza humana que são relacionais mas que não revelam nenhum traço da estrutura do cuidado. Por exemplo, os seres humanos obedecem à lei da gravidade mas, deste facto relacional, não se pode concluir que se ocupam da gravidade. Do mesmo modo, todos os seres humanos vivem sequências de unidades de tempo mais vastas que o tempo de vida de algumas partículas subatómicas, e mais curtas do que os ciclos temporais de fenómenos astronómicos. Não está ao alcance de ninguém viver vidas humanas sem tempo ou com tempos que sejam diferentes dos que caracterizam a metafísica dos seres humanos. O próprio tempo humano está em relação com a ordem geral do mundo, mas não se pode afirmar que o tempo seja parte do cuidado humano; diferentemente, com o seu tempo, os seres humanos podem cuidar de todos os assuntos que os interessam. Vê-se, pois, que, sendo necessária uma longa reflexão sobre a dimensão metafísica da vida humana, se pode afirmar com convicção, justificada racionalmente, que a estrutura do cuidado é uma das suas pedras angulares. Não

está ao alcance de ninguém alterar as regras deste jogo; mais, não se pode pensar de todo em qualquer outro jogo. Viver sem cuidar é uma fronteira da vida humana, uma fronteira que nem pelo pensamento ou pela imaginação se pode cruzar. Tudo o que está dentro da fronteira promete um paraíso privado, um acréscimo de perfeição no mundo, uma benfeitoria a alguém ou algum outro rosto da felicidade; porém, a pura impossibilidade de pensar numa qualquer outra forma de viver mostra de imediato que o mundo permitido pelo cuidar, com os seus cuidadores e os seus cuidados, é de facto uma prisão. É inútil adjetivá-la; é impensável viver fora dela. Deste ponto de vista, o paraíso privado, a instância sábia do juízo ponderado, o pleno desenvolvimento de todo o potencial de alguém e a bondade que se coloca no mundo quando se cuida de quem precisa parecem não ser bens absolutos. Têm um preço terrível: a escravidão originária a uma ordem geral do ser; escravidão continuada e garantida pela completa impossibilidade de se pensar de modo diferente. A pedra angular parece preciosa, mas é possível que isso não seja verdade.

## II

### Herdeiros de uma Fábula

Pedra estranha, pedra evidente, pedra antiga, pedra sempre nova. Uma fábula das *Genealogiae* do escritor latino Caio Júlio Higino, um bibliotecário de Augusto que terá chegado a Roma pelo ano 45 a.C., tentou captar o seu segredo (2008, p. 168). Higino conta que a Cura ia a atravessar um rio quando reparou num barro argiloso. Curiosa, tomou-o e começou a moldar um homem. Enquanto pensava no que tinha feito, surgiu Júpiter, a quem a Cura pediu que desse uma alma ao boneco feito de barro. Assim o fez o grande deus. Quando chegou o momento de dar nome ao ser feito de barro e com uma alma divina,

Cura e Júpiter não se entenderam. A complicar a decisão, surgiu a Terra que também exigiu que o nome do novo ser fosse o seu, já que havia sido ela a dar-lhe a matéria de que é feito. A questão foi colocada a Saturno, que decidiu de modo equânime: como foi a Cura a primeira a moldar o novo ser, tê-lo-á enquanto viver; como Júpiter lhe deu uma alma, receberá a sua alma; e como foi a Terra que lhe deu o corpo, o novo ser será chamado “homem”, da palavra latina para terra, *húmus*.<sup>1</sup>

Seria ocioso aludir à vasta riqueza simbólica da Fábula CCXX de Higino e à longa história intelectual que inspirou, desde os autores clássicos até um Heidegger ou, mais recentemente, um Leonardo Boff. Baste dizer que a fábula reflete o que o seu autor considera ser a estrutura metafísica do ser humano. É sob o signo de Saturno, do tempo e da melancolia que a decisão sobre a identidade do homem é tomada. Este não poderá ter uma vida que não aconteça sob o signo do cuidado. Afinal, é filho da Cura e, enquanto viver, estará sob a sua égide. A sua origem humilde, denunciada pela matéria de que é feito, é sublimada pela sua alma divina. Esta equação simbólica da natureza humana profunda poderá ser explorada de modo vertiginoso, tal é a riqueza de significado que tem.

Parece supremamente evidente que a essência humana foi captada de modo feliz pela fábula do ibérico e romano Higino. E, no entanto, há muitos aspetos que não são claros na fábula. Não é claro, por exemplo, por que razão a Cura se deu ao incómodo de moldar *precisamente* um homem de barro. Não teria algo mais urgente para fazer? O boneco derivou de um capricho, de um passatempo, de um nada que de repente passou a ser alguma coisa? O cuidado inicial nasceu da perceção da utilidade do barro ou de um entretenimento

---

1 Uma das frases da fábula não chegou na íntegra até nós. A leitura que se propõe para o destino da alma é, pois, uma interpretação. A frase em causa é a seguinte: “Puesto que tú, Júpiter, le diste el alma <...> recibe su cuerpo. Como Cura ha sido la primera en modelarlo, que lo tenga en posesión mientras viva.” (Higino, 2008, p. 168).

inconsequente? Há também um vasto buraco negro na parte inicial da narrativa. Atravessar um rio é uma situação caracterizada pela urgência; não se espera que, durante esse período especialmente perigoso, o agente tenha atenção a desbaratar com qualquer outro assunto que não a realização bem-sucedida da tarefa. À Cura, pois, aconteceu-lhe algo: num contexto improvável, reparou no barro e tomou-o nas mãos. Repare-se que, no início da tarefa de atravessar o rio, a Cura não se deu a si mesma a incumbência de reparar em algo que estava no rio, nem a averiguação desse material, nem tampouco colhê-lo e dar-lhe forma. Em certo sentido, ela própria foi tomada e moldada. Algo lhe aconteceu que não teve origem numa intenção prévia. No “casamento” perfeito que seria a realização da tarefa simples de atravessar um rio, surgiu uma “relação paralela” que deu origem a um bastardozinho da ação principal. Como é evidente, o fruto da relação paralela também não se deu a si mesmo a vida, nem o nome, nem a vontade que o inflama de transcender a horrível matéria argilosa ou lodosa de que é feito, em demanda de uma realidade divina que não conhece mas que, de algum modo, já determinou o que poderá e terá de fazer ao longo da sua vida. Aconteceu-lhe de modo involuntário uma vida, assim como aconteceu algo de modo involuntário à sua mãe Cura. Júpiter, a despeito de todos os seus poderes, também não parece ter antecipado a tarefa de dar uma alma ao boneco feito pela Cura. A Terra não teria previsto que um dos seus pedaços se autonomizasse. O melancólico Saturno também não antecipou a sua intervenção, e, como bom escravo dos acontecimentos, lá tentou obter a decisão mais sábia perante o que se lhe deparou, um pouco a contragosto, a reboque dos acontecimentos. A estes seres poderosos aconteceu-lhes, bem vistas as coisas, o mesmo que aconteceu ao barro: algo lhes aconteceu. Estavam à espera, estavam lançados na ordem das coisas, e *depois* foram determinados e foram esculpidos. Todos eles são os seres a quem lhes aconteceu alguma coisa. São, pois, deuses, moços de recados ou escravos? Esta

pergunta, com surpreendente adequação, também se pode colocar a respeito da criação de Cura. Há uma escravidão na vida do boneco feito de barro, desde o ato exterior que lhe deu origem até aos sonhos que animam a alma que lhe foi imposta; há também uma promessa de divindade num qualquer paraíso, porque, nada sendo, passou a ser, e sendo mero barro, inflamou-se com modelos divinos. A promessa, contudo, é um logro. Não pode ser outra coisa; não pode desejar outra coisa; não pode pensar de qualquer outra forma; não pode sequer sonhar o que não esteja na alma que lhe foi imposta. Aspirar ao divino é, como se vê, uma marca de escravo: não liberta de nada do que já se é. Apenas perpetua a menoridade.

A fábula de Higino deita abaixo todos os poderes do mundo, porque todos eles parecem estar reféns do que lhes acontece, e só têm nas suas vidas o que lhes permite o que acontece. A espera que atormenta todos os seres só tem fim quando o que acontece os determina. O tormento da espera é atenuado mas não chega a desaparecer, porque rapidamente se volta a esperar o que irá acontecer a seguir. Se há um pensamento perene que possa ser decantado da fábula é o da estrutura do que acontece. O centro de todas as vidas reside no momento evanescente em que a espera termina, para logo reaparecer.<sup>2</sup> A dobradiça da realidade humana é, assim, o cuidar. É este ato que realiza o trânsito subtil entre o nada da espera e o algo de um início. Não está ao alcance de nenhum ser humano não cuidar de todo. Poderá, obviamente, proceder mal ou recusar-se a atravessar qualquer rio ou a tomar nas suas mãos qualquer barro; poderá, mesmo, descuidar-se das suas obrigações. Porém, mesmo isso será o que lhe acontece, algo que lhe veio depois de estar à espera, a ideia que lhe pareceu a mais acertada. Tudo isso lhe acontecerá, tal como à Cura lhe aconteceu reparar de todo no barro e começar a dar-lhe

---

2 Para uma análise mais detalhada da estrutura da espera humana, veja-se Curado (2016, pp. 105-120).

forma. Se o mundo é tão grande, por que razão o barro saltou frente aos seus olhos como algo bom que se pode agarrar? A Cura não tomou nas suas mãos a água do rio, nem tentou agarrar o vento, nem, antecipando filósofos de pensamento estratosférico, se propôs a si mesma as tarefas evanescentes de aprisionar com as mãos o tempo, ou a oportunidade, ou a boa sorte, ou o espaço vazio ocupado pelas próprias mãos. Tantas coisas poderiam ter nascido para o cuidado interessado da Cura! Foi o modesto barro que captou a sua atenção, que a domou *a ela* ainda antes de ser domado *por ela*. A fábula de Higino, como se vê, tem sentidos inquietantes.

Seja para bem, seja para mal, o cuidado é uma das estruturas metafísicas mais notáveis de todos os agentes. Porquê? Por isto: o que são na realidade só se revela ao modo do cuidado. Não está ao alcance deles, nem sequer dos mais poderosos de entre eles, como os deuses, ser de qualquer outro modo. Os deuses de Higino não são menores, mas os expoentes máximos do panteão antigo. Por esta lógica, também ao Deus Omnipotente das Religiões do Livro, superior a todos os deuses pagãos, lhe aconteceu a ideia de fazer qualquer coisa... A existir um Outro Deus, do lado mais negro da existência, também parece um tarefeiro atrás do que lhe acontece. E assim por diante, cansativamente, à espera da próxima ideia que dê conta do sentido da ação humana. O cuidado é o sangue mais subtil das entidades que podem agir, tal como a relação é o sangue mais subtil da realidade.

É neste quadro metafísico que se impõe pensar as novas formas do cuidado. Sem fanfarra. Sem retórica vã. Sem lugares comuns. Tarefa difícil, certamente, porque a formulação do problema presume erradamente que há alguma novidade no assunto, e presume também que os novos protagonistas do cuidado têm algum traço que os distinga dos modelos arquetípicos da fábula velha mas estranhamente fecunda de Higino. Em muitas áreas da vida quotidiana, o pensamento já foi industriado, sendo por isso banal

as pessoas sentirem que estão na vanguarda de algum processo momentoso e decisivo, já para não dizer original. Essa honra nem aos deuses da fábula tocou, mas essa ficção mentirosa é o que motiva o entendimento contemporâneo das coisas, hipnotizado pelo físico, e completamente olvidado do metafísico. É possível que não exista nada novo debaixo do sol e na vida humana. Parece, contudo, que há um afã, uma excitação das vésperas de qualquer coisa, uma promessa de algo que alegadamente irá “melhorar” a vida. Por misericórdia, nenhum metafísico perturba estas alegrias juvenis do grande feito científico, técnico ou clínico que, parecendo tudo, é feito de nada. A área dos cuidados de saúde está povoada destas alegrias inconsequentes dos físicos e do silêncio conivente dos metafísicos. Não apenas a saúde, como é evidente, mas qualquer gesto bondoso. Se a bondade tivesse algum efeito real no mundo, já teria desaparecido porque, depois da sua realização numa data determinada, não seria mais precisa. As bondosas senhoras portuguesas do final da Idade Média que deixaram o seu património para o cuidado dos pobres e dos enfermos acreditaram que os seus gestos melhoraram a vida humana, não vendo que, logo depois deles, seriam precisos muitos outros gestos de bondade bonita mas inútil. Os seus nomes atravessaram os séculos – as princesas e rainhas D. Mafalda de Mauriana, D. Brites, D. Isabel de Aragão e tantas outras cujos gestos ficaram à sombra do conhecimento público e no olvido da fama –, mas a sua bondade parece ter-se dissolvido no oceano vasto dos gestos inconsequentes.<sup>3</sup> A bondade padece do problema metafísico que já atormentava a Cura e os outros deuses: é o que acontece a alguém, mas talvez não seja tão relevante quanto parece aos obreiros e aos destinatários do seu gesto. Há muita fanfarra, pois, a acompanhar a

---

3 Uma galeria eloquente de gestos da bondade portuguesa foi edificada por Victor Ribeiro, onde, ao lado da referência às ditas rainhas, há capítulos eloquentes sobre o cuidado aos desvalidos de toda a Fortuna (1907, p. 19).

percepção do que acontece de aparentemente inovador nos cuidados de saúde. Fanfarra para nada, porque todos morrem a seguir.

Nos tempos de Higino não se poderia falar de coisas mais sofisticadas do que bonecos de barro animados por uma alma divina. O boneco, para corresponder aos anseios da alma joviana que não pediu para ter, não poderia alterar o barro de que era feito, nem a alma que o animava. A sua relação com o resto do mundo tinha o espartilho destas limitações. Durante boa parte da história longa do que aconteceu ao boneco de Cura, não seria possível acontecer qualquer outra coisa. A fábula sapiencial de Higino descreve ainda o sentido da vida humana. A surpresa – calma, por necessidade, já que não se esquece dos constrangimentos metafísicos – deriva do facto de já não existir hoje uma certeza absoluta sobre se continuará por muito tempo a descrever esse sentido. Um mundo em que o boneco pode alterar ou substituir o barro é significativamente diferente do mundo em que isso não era coisa que pudesse acontecer. Um mundo em que novas almas podem ser colocadas em novos barros também nunca foi um pensamento que pudesse de todo acontecer a alguém do passado. É provável que, sob o efeito da novidade dos avanços científicos e técnicos da época contemporânea, a surpresa alimente pensamentos libertários em relação à escravidão metafísica fundamental dos seres humanos. Talvez nada de radicalmente novo aconteça. Como se viu, até os poderosos deuses estão reféns da Cura, sem que disso se apercebam. Tarefeiros grandiosos, mas ainda assim tarefeiros.

É esta, pois, a dúvida que cresce todos os dias: precisaremos de um novo Higino que escreva a fábula perfeita para descrever o sentido das alterações que a ciência e a tecnologia avançada estão a promover nos corpos e nas almas dos seres humanos? Em princípio, não será preciso nenhum novo bibliotecário de Augusto porque todos os avanços do conhecimento do boneco são coisas que lhe acontecem no rio do tempo. Ainda não se vê que o boneco tenha poder

suficiente para abalar, mesmo que ligeiramente, a férrea estrutura metafísica do mundo. Não há biotecnologia, medicina avançada, engenharia biomédica, computação ou qualquer outro avanço científico extraordinário que possa riscar o verniz da metafísica do cuidado, mesmo que modestamente. Há certamente imaginação para representar mundos possíveis muito diferentes do que se conhece, mas *não* há imaginação que consiga representar vidas humanas sem tempo, sem espaço, sem a lógica do acontecer e sem a estrutura do cuidado. Como é evidente, a mais poderosa das imaginações faz triste figura quando tenta subverter a estrutura metafísica das coisas, começando logo pela impossibilidade de se imaginar como existindo fora do próprio ser. Contudo, já é claro que, muito antes da aquisição de poderes superiores aos dos deuses, a vida humana já se alterou alguma coisa. Talvez apenas um iota, já que o mais avançado dos *cyborgs* não parece ser muito mais sofisticado do que o boneco de barro de Higinio ou o golem da magia judaica ou os tulpas do esoterismo tibetano. Será precisa, certamente, a sabedoria de uma nova fábula para se tentar quantificar a relevância ou irrelevância do que está a acontecer na aplicação da ciência e da técnica à vida humana. É verdade que uma nova fábula será ainda uma fábula, isto é, a representação sucinta do que acontece de modo complexo na vida, como um conceito, como um adágio, como uma lei da natureza ou qualquer outra forma de compressão algorítmica. O novel pensamento do boneco armado com ciência e técnica sofisticadas ainda precisa de uma boa história que lhe capte o sentido, e, mesmo que a futura fábula não tenha a elegância quase preternatural da de Higinio, ainda assim poderá ser representado de outras formas. A vida sofisticada do boneco contemporâneo poderá ser simplificada na representação simples do que acontece na complexidade da vida. Se pode ser representado (fotografado, filmado, ou qualquer outro verbo a que se recorra), significa isso que, mais uma vez, nada do que está a acontecer é suficientemente momentoso para causar

preocupação. Tudo o que o boneco científico e técnico faz pode ser representado; este é um constrangimento metafísico que não poderá ser violado. Não há razões, por conseguinte, para que qualquer avanço científico cause preocupações metafísicas.

Deus continuará imperturbável e inacessível como sempre esteve. É claro, pode acontecer-Lhe a ideia de destruir a Criação. Afinal, ter ideias e iniciativas é o que se conta a Seu respeito, mas é possível que a narrativa não passe de uma projeção da vida de quem narra numa ordem de coisas que sempre estará além da compreensão humana. O mistério infinito que se simplifica na palavra Criação não tem solução humana. Perante isto, a única alegria que os bonecos têm foi-lhes dada pelo fócio emigrado em Eleia, no sul de Itália, um sábio de nome Parménides. Nem Deus, ao que parece, poderá fazer com que o ser se torne nada, tal como o nada se torne ser. O que pode o coitado do Omnipotente fazer, preso como está numa prisão metafísica? Apenas isto: cuidar. Os verbos “criar” e “destruir” não passam de variações imaginativas de “cuidar”, exercícios cansativos em que se força o significado até ao limite do que pode ser pensado. Recordamo-nos de Higino: até os poderosos Júpiter, Saturno e Terra obedecem ao império do cuidar. É o que podem fazer, e é só o que podem fazer.

Para os efeitos da vida humana, tal como pode ser pensada com razoabilidade, o equivalente aos poderes dos deuses já chegou, contudo, ao boneco da Cura. Em certo sentido, esse poder sempre existiu no boneco, mas ele não tinha consciência de que poderia usar esse poder. As lendas multisseculares da rebeldia no jardim do Éden, do orgulho do anjo portador da Luz, da construção da Torre de Babel e muitas outras narrativas de vários povos do mundo sempre foram inspiradoras. O ataque ao Céu ou a rebeldia contra o Pai sempre encheram os corações de alegrias inconsequentes. Os deuses não estarão em segurança em qualquer sítio onde habitem. Os bonecos de barro reclamam os plenos-poderes das entidades jovianas

que os animaram. É o que lhes acontece. É o que lhes aconteceu desde sempre. A marca distintiva da época contemporânea não se manifesta, como se vê amplamente, ao nível metafísico ou ao nível da relação dos seres humanos com outros poderes do mundo, mas ao nível da relação com os outros bonecos filhos do Cuidado. Tudo se limita a questões de poder: até onde se pode ir na relação com os outros e na relação consigo mesmo?

Apesar de todo o entusiasmo pela ciência do século XX, e, sobretudo, pela sua aplicação à vida dos seres humanos, não parece que a fábula de Hígino deixe de representar a essência da ação, já para não falar da natureza última das pessoas a quem lhes aconteceu ter de viver. Um sinal disto encontra-se no imaginário popular do cinema contemporâneo. Os androides sofisticados de *Blade Runner*, a película de 1982 de Ridley Scott, também procuram o sentido da sua existência e também têm de perseguir, como escravos, os desejos que os determinam. Até mesmo os robots futuristas da saga épica *The Terminator*, de James Cameron, iniciada em 1984, e com o desempenho lendário de Arnold Schwarzenegger, desejam fazer alguma coisa. Dizendo de outro modo: os filhos mais tecnologicamente avançados que a imaginação humana pode produzir continuam reféns da estrutura do cuidado.

É isto que urge ser pensado: a vida humana em relação. E é isto que hoje acontece a todas as sociedades evoluídas. Não parece estar em causa nada de metafisicamente momentoso, mas apenas o detalhe, que não é de somenos, da felicidade humana. Não há grandes certezas a este respeito, como é evidente; há, diferentemente, muitos discursos que atemorizam as pessoas sempre que se aborda o mundo vasto das questões ligadas às muitas formas do cuidado. Pode acontecer que tudo se resuma a uma amplificação desproporcionada de pequenas alterações na vida humana, assunto mais adequado à história das mentalidades do que à filosofia da medicina ou à ética biomédica, e completamente inadequado à

metafísica da ação. Atira-se para o ar, por exemplo, a denúncia da desumanização dos cuidados de saúde; censura-se com leviandade um pseudoproblema denominado obstinação terapêutica; reclama-se o valor fantasmático, porque feito de quixotescos nadas, que é a dignidade. Cada uma destas categorias fala mais sobre a história do século XX e XXI do que dos evanescentes objetos a que se parecem referir. Atire-se para cima da mesa do debate mais uma dessas categorias feitas de nada: o consentimento informado. O que se vê? Isto: uma historiazinha cultural que foi crescendo desde um caso em tribunal na cidade de Nova Iorque, em 1914, em que uma mulher, de nome Mary Schloendorff, colocou em juízo o hospital que tinha o médico que lhe fez o bem de remover um tumor maligno de que padecia. Esta falta originária de sabedoria foi inflacionada a um ponto tão exagerado que hoje os cuidados de saúde estão seriamente limitados pelo gambuzino do consentimento informado. Existem milhões de discursos para esconder a mera falta de bom senso. As pessoas pensam, limitadas pelas alminhas jovianas que lhes foram impostas, que o mundo tem uma realidade chamada “consentimento informado” e outras realidades chamadas “obstinação terapêutica” ou “dignidade”, quando apenas tem histórias que vão crescendo e entretendo as alminhas muito limitadas dos bonecos de barro. Agora até se fala do “empoderamento” dos pacientes! Haverá mais modas no futuro, de modo a que não se veja o barro. Todas essas grandes palavras não correspondem a nada de real porque, como se viu, não há qualquer hipótese de se mudar um único iota nos constrangimentos metafísicos da ação humana. Mesmo que, num esforço de imaginação a tocar o impossível, o corpo humano fosse substituído por próteses sofisticadas, ainda assim a estrutura do cuidado haveria de dar forma ao acontecer. O conformismo, o medo natural às mudanças e a obsessão pela representação da vida no discurso desempenham, sem dúvida, um papel neste processo.

Neste caso, como não há realidade no assunto, há percepção, e esta é tão importante quanto a primeira, no que à vida humana concerne. *Much ado about nothing.*

As práticas do cuidado tal como foram conhecidas durante séculos (existência de profissionais dedicados ao cuidado dos outros, áreas científicas que se organizam em torno do cuidar, instituições dedicadas ao auxílio, etc.) estão a alterar-se significativamente, contribuindo para a percepção de que a aplicação da ciência e da técnica à vida humana não é apenas um acrescento ao que foi feito desde sempre mas que é uma alteração ontológica fundamental. Mais do que uma alteração, entre o modesto e o significativo (depende do ponto de vista), as formas tradicionais do cuidado podem estar a desaparecer de todo, seja devido ao ascendente do conhecimento científico nas práticas efetivas do cuidar em saúde; seja devido a processos de hibridização entre natural e artificial; seja devido ao alargamento do paternalismo político aos cuidados de saúde; seja devido à adoção de novos conceitos na saúde, como a ênfase progressiva da abordagem preventiva sobre a reativa; seja devido, finalmente, e por mero bom senso do inventário, a sucessos que possam vir a acontecer e que no tempo presente não podem de todo ser pensados. Contudo, apesar das muitas dúvidas que existem a respeito da conexão entre cuidados de saúde e felicidade, incluindo a suspeita inquietante de que essas dúvidas são suscetíveis de fácil manipulação por interesses organizados em demanda de poder, é um facto que existe a percepção de que não se está a viver mais do mesmo, no que à relação entre conhecimento científico avançado e saúde humana diz respeito. Apesar dos constrangimentos metafísicos, há novidades no mundo; afinal, antes de a Cura fazer o que fez, o mundo não tinha seres humanos. Com o gesto bondoso de cuidar é o mesmo. Pode ser nada, pode ser tudo, mas, entre estes extremos, parece ser a matéria de que é feita a vida.

### III

#### Edital para uma Nova Fábula do Cuidar

Dito isto, é difícil afirmar que já se encontrou o novo Higinio que escreverá a fábula que resumirá com verdade e elegância o futuro do cuidar. A necessidade que há muito se sente dessa nova fábula diz muito sobre o que se compreende e o que não se compreende no exercício de cuidar em ambientes tecnologicamente muito sofisticados. Tudo indica que o boneco de lama da fábula de Higinio é hoje um ciborgue, um ser biológico com partes artificiais, desde vacinas, passando por *pacemakers*, até implantes neuro-prostéticos e futuros nanorobots. Há o perigo sério, contudo, como alertou com oportunidade o médico e filósofo Raymond Tallis, de se estar a macaquear a humanidade, isto é, a simplificá-la com caricaturas que derivam de visões exageradas das alegadas capacidades explicativas das neurociências, da teoria da evolução e da ciência da computação (2011). Repare-se que nenhuma destas ciências conseguiu ainda explicar por que razão os cérebros humanos estão acompanhados de experiências subjetivas. Este problema elementar é um bom critério para se ter a perspectiva correta sobre as reais capacidades de formas de cuidar que derivam dessas ciências e de outras semelhantes. Estas teorias científicas fundamentais, tal como muitas teorias filosóficas, acabam por influenciar as instituições, as tradições e os profissionais do cuidar. Pior ainda, esta influência não tem contraditório porque estamos reféns de uma história cultural e científica que, desde o início da Modernidade, tem simplificado monstruosamente a vida humana. O macaquear da humanidade, de Tallis, tal como a denúncia da filosofia do “ratomorfismo” que Arthur Koestler fez dos cientistas que veem na humanidade um mero conjunto de ratos e de pombos (1967, pp. 15-18), é claramente insuficiente. Algumas pessoas perceberão o que está em causa neste tipo de denúncias, mas a grande massa nunca será incomodada por esses

pensamentos. O boneco de barro é uma simplificação do humano segundo esquemas míticos muito previsíveis, adequados a crianças e a pessoas de educação pouco sofisticada. O ciborgue é, da mesma forma, o bilionésimo episódio da longa história das caricaturas que a razão humana faz da totalidade humana. Sob as vestes da tecnologia contemporânea, a que se acrescentou um toque futurista, o ciborgue faz parte de uma velha história europeia de tentativas de produção de seres artificiais. É uma ideia que não tem nada de novo, e apenas causa surpresa fingir-se que há novidade no assunto.<sup>4</sup> Se o dedo grande do pé direito conseguisse falar, também faria as suas simplificações da totalidade que o ultrapassa, e o mesmo aconteceria com o cabelo ou com o pâncreas. Como a razão tem algum sucesso no esquema agónico da vida humana, auxiliando a vencer adversários com porretes cada vez mais potentes, não se vê que a explicação que oferece do humano é fundamentalmente defeituosa. A razão é uma parte da mente humana, e não é uma parte especialmente relevante desse conjunto ou do conjunto maior da totalidade da vida humana, já para não a apoucar ainda mais no conjunto vasto da ordem geral das coisas. Por razões locais que estão ligadas à história intelectual do Ocidente, amplificou-se de modo absurdo o alegado alcance da razão. Com este respaldo dos intelectuais, a indústria das caricaturas simplificadoras do humano desenvolveu-se muito, e há sempre lugar para mais uma moda de explicação simplória do mistério humano. E depois toda a gente morre.

É possível que a ontologia ciborgue seja apenas mais um capítulo infeliz, porque cheio de falsas esperanças, de muitos séculos de simplificação científica e clínica da transcendência que se manifesta no ser humano. Deste ponto de vista, a criação dos tais “ambientes tecnologicamente avançados” já seria um modo de simplificar deliberadamente a complexidade humana, de a tentar domar, por

---

4 Para a história intelectual em que se insere o ciborgue, ver, por exemplo, Ball (2011).

assim dizer. O que parecia a salvação de muitos problemas pode ser afinal a causa deles, ou, pelo menos, ser um contributo para muitos deles. Não há ambientes desses a chover do céu; são sempre obra humana, e, como todas as obras humanas, estão dependentes do que se sabe e do que não se sabe, com peso para a transfiguração do que não se sabe em interesses legítimos e em verdades insuscetíveis de pensamentos alternativos. Um velho estadista com amor pelo pensamento, e que já poucos leem, como Cícero, podia defender que todas as formas de sanidade implicam uma vida sábia; hoje, hipnotizados pelo alegado poder salvífico do conhecimento científico, a palavra “sabedoria” já não é utilizada nos ambientes clínicos, nem, aliás, na vida quotidiana (2014, p. 154). Ninguém pede sabedoria aos médicos e enfermeiros, mas apenas alguma coisa rápida que resolva os problemas. O esquema mental da eficácia racional domina como um tiranete patético o pensamento contemporâneo. Com tanta ciência e com tanta técnica, já nos esquecemos da sabedoria. Cuidamos sempre muito, e parece que não serve para nada, porque amanhã teremos de voltar a cuidar mais e mais.

Não se sabe também se, a despeito da procura de sentido e do papel transfigurador dos ideais, a alma é um assunto que já desapareceu. O boneco de Cura tinha uma alma; as pessoas tocadas pela doença e pela adversidade ainda procuram o sentido do que lhes acontece; não se sabe se o ciborgue tem alguma ou, não tendo, se sente a necessidade de ter. Alma e sentido para o que acontece na vida das pessoas são dois aspetos da mesma fome profunda. Para a satisfazer, talvez a fábula mais perfeita do cuidar tenha de descer ao tecido da própria realidade, à véspera de todas as decisões, ao dia anterior a todas as ações, ao fundo do oceano que irmana a Cura, os deuses e o modesto boneco de lama. Herdeiros que somos da percepção parcial que Higino teve da realidade humana, fez todo o sentido para o Ocidente, durante séculos, que o cuidar tenha começado com um ato de curiosidade da Cura.

A fábula de Higino enganou-nos; como um prestidigitador hábil, fez-nos olhar para o sítio errado. Deixámos de conseguir ver que a esforçada Cura *também* foi cuidada, porque, independentemente da sua vontade, aconteceu-lhe uma ideia, um desejo, uma decisão e uma ação, tal como antes já lhe tinha acontecido a existência. Tudo isto, que parece encher vidas de deuses e de seres feitos de barro, mais não é do que a pequena ponta do grande icebergue da alma do mundo. A fábula de Higino foi lisonjeira para o ego ocidental: colocou os agentes ao comando do que lhes acontece nas suas vidas. Nesta matriz mítica, as pessoas comuns reveem infundavelmente o que são e o que fazem. Estando ao comando da vida, sentem-se relevantes e poderosas. O pequeno detalhe de todas morrerem mais tarde ou mais cedo é eclipsado pela vanglória promovida pela fábula.

Este bonito logro cultural causou um dano inimaginável ao Ocidente, contribuindo para que não se veja que ninguém está ao comando da sua vida, e que ninguém cuida de facto do que quer que seja, parecendo, apenas, que o faz. O cuidar é a arte de gerir o fracasso garantido. Cuida-se para adiar ligeiramente o inevitável, sem se saber para quê.

A lição profunda desta desilusão não foi atendida durante séculos e não será, certamente, seguida num futuro próximo. É mais fácil adotar a ideologia do agente, do *maker*, do construtor de alguma coisa. Até a luta contra a doença, a morte e as adversidades lisonjeia esta percepção. O cuidado, deste ponto de vista, é a versão sublime da ação que, não se limitando ao seu egoísmo, ainda parece ter a grandeza de alma de se ocupar de outrem. É a agência, ou capacidade de agir, no seu esplendor. É este esquema agónico e heroico de natureza mítica que organiza o entendimento contemporâneo da ação em geral e da ação cuidadora em particular. Infelizmente, qualquer gesto, do pusilânime ao magnânimo, tem de acontecer a alguém. Todas as pessoas, mais do que agentes livres, são moldadas por aquilo que as visita e as determina. A dor e a doença visitam as pessoas, tal como

os sonhos as visitam, ou as intuições, ou os caprichos, ou, a todo o momento, as pequenas decisões da vida. A vida das pessoas vem de fora; acontece-lhes. Há um oceano secreto que une o primeiro dói-dói das crianças, as torturas deliciosas do primeiro amor, as decisões profissionais dos jovens adultos, as dores intensas que sentem quando as doenças se manifestam e o filme que está sempre a correr nas suas cabeças e que elas interpretam como sendo a sua própria mente. Não se vê o oceano secreto, tal como não se vê o dia de ontem, o dia de amanhã, e os modais de cada pessoa, as suas vidas possíveis, por assim dizer. No entanto, é impossível uma pessoa não ter passado, não ter futuro, não ter possibilidades alternativas e não ter uma conexão profunda com o oceano que tudo irmana.

Higino, na tradição intelectual de um Platão e de um Aristóteles, tornou-nos reféns de uma ideologia da ação que vê nela a única possibilidade humana de aceder ao sentido da vida. Para esta ideologia simplificadora da complexidade humana, o início da ação reside numa entidade poderosa que se dá a si mesma as orientações para o que fazer. Os enigmas ligados à espontaneidade e à criatividade são afastados pela caricatura do homem ao leme da sua própria vida. O mandamento para a ação individual é claro: compreendes o que fazes, e só compreendes o que fazes. É este mandamento que está na génese dos códigos de honra, dos ideais de ação, das avaliações de mérito e de outros modos artísticos de as pessoas se elogiarem umas às outras sobre a alegada posse dos determinantes da ação. Infelizmente, a mais retumbante das vitórias na compreensão do que se faz tem pouco valor porque a totalidade do que se faz não passa da espuma que decora os oceanos. O mérito é a ideia simpática que premeia o esforço, mas a própria ideia de o esforço ter significado, e não ser uma bravata quixotesca, teve de acontecer a alguém. A chave do que acontece não está ao alcance dos agentes, por muito que estes recorram a categorias fantasistas como a de “mérito”. Mais de dois milénios desta escravidão intelectual, ainda continuamos à procura

dos gambuzinos do sentido da existência, da ação e do cuidar. Fazemos muita coisa para os encontrar, mas eles nunca aparecem. Seria difícil sermos mais patéticos do que isto.

A essência do cuidar não é clínica, nem física, nem emocional, nem altruísta – é metafísica. A Cura foi cuidada ainda antes de cuidar. Não é para o que a Cura faz que se tem de olhar; é para o que lhe foi feito *a ela*, e de que ela não se apercebe de todo, apropriando-se levemente do que lhe acontece. Ainda antes de fazer um boneco de barro, a percepção que isola uma parte do mundo, a emergência de um desejo, e o estender o braço para agarrar o que se deseja já são bonecos. O boneco de barro apenas culmina uma série longa de outros bonecos. Como um peão num jogo que não controla, a Cura sentiu no seu interior que tinha de estender a mão, colher um pedaço de barro, moldar um boneco, e considerou que tudo isso é parte da sua personalidade fascinante. Não se trata, pois, de procurar mais um conteúdo da ação, um boneco de qualquer barro conceptual, mas de descer ao grau zero do que acontece. Deste ponto de vista, claramente neoplatónico, não se trata de isolar o que uma alma faz mas de aceder à conexão que une todas as almas numa alma do mundo.

É possível, infelizmente, que não esteja ao alcance do pensamento contemporâneo mudar o seu ângulo de visão. Como Pigmalião, esculpimos as nossas estátuas, e depois apaixonamo-nos por elas, e até pedimos aos deuses que lhes deem uma alma. Esculpimos a estátua humana até esta parecer um ciborgue sofisticado, e apaixonamo-nos por esta caricatura, procurando, para atenuar a angústia de nos vermos absurdamente simplificados, o sentido para o que está a acontecer. Procurar este sentido não é mais do que a imitação medíocre do gesto da Cura a pedir a Júpiter que dê uma alminha ao seu bonequinho. Esta matriz reitera-se infindavelmente. O que está nas páginas do livro mais velho do Ocidente, a *Iliada*, é exatamente o mesmo que está no texto mais vanguardista da ciência da nossa

época. A “cuydaçom” de Aquiles, de Heitor, de Nestor ou de Ulisses não é diferente da de qualquer pessoa do século XXI. “Caímos” para fora, cuidamos permanentemente. Onde está o boneco de barro ou Galateia, podemos colocar qualquer outra coisa: conquista de Troia, conceito, teoria, Estado, direito, valores, ideais, ciborgues... Tudo isso nos acontece de um modo que não controlamos. Pior ainda, parecendo que fazemos coisas diferentes e crescentemente extraordinárias, não vemos que a estrutura funda do que acontece é relativamente simples. As histórias antigas continuam a fazer sentido porque, de facto, nada se alterou de modo relevante.

O entendimento da ação que lisonjeia o ego humano não é neutro. Não se trata de estarmos reféns de um conceito de ação que Higino contribuiu para moldar, o que neste momento é claro; trata-se sim de começar a procurar o que esse conceito não permite de todo ver. É preciso apoucar a fronteira do impensável. A reunião que a fábula faz de deuses poderosos não permite que se veja a fragilidade fundamental de todo o cuidado. Cuida-se porque se recusa a realidade: recusa-se a doença, o infortúnio, a adversidade, até mesmo a aparente má sorte de se ser feito de barro. Este é o entendimento que estrutura a percepção do mundo do cuidar, em complemento da estrutura mítica do agente valoroso que procura alterar o mundo para melhor. Parece óbvio que uma pequena ferida tem de ser tratada e que a doença tem de ser combatida e que a morte tem de ser evitada. Nada disso é, contudo, óbvio, nem obrigatório. A fábula do cuidar esconde deliberadamente, sob o véu da presença dos deuses poderosos, uma rebeldia contra a ordem do que existe. O boneco de barro da Cura é um símbolo da não aceitação de uma ordem de coisas e, sobretudo, da não aceitação de uma vida contemplativa em que se aceita tudo o que existe. O nível de rebeldia atingiu um nível tão absurdo que o boneco deixou de aceitar partes daquilo que ele próprio é, mesmo que nada de mal o aflija. A velhice é parte normal da vida do barro, tal como o ciclo menstrual feminino, ou a tristeza. Seja como for,

o boneco tenta hoje combater esses aspetos da natureza humana, doirando o discurso com a mentira de que está a “melhorar” essa natureza. Os cuidados de saúde em ambientes de hiper-tecnologia são apenas mais um passo da rebeldia política da Cura contra a ordem das coisas. Não se sabe, em última análise, por que razão e para quê se altera o que quer que seja. Onde antes estava o mérito, agora poderá ser colocada a resposta à urgência, ou o combate à dor ou qualquer outro esquema que pareça evidente de modo imediato. Também neste sentido, a fábula de Higino contribuiu para que não se visse de todo que qualquer gesto de cuidado, próprio ou de outrem, é um ato político perante a ordem metafísica das coisas. É uma recusa dessa ordem.

Vendo como os povos aborígenes e ameríndios viveram milénios em equilíbrio perfeito com a natureza, encontram-se muitos indícios de que é possível ter formas de cuidado que não derivem da rebeldia política contra a ordem das coisas. Não se trata de nenhuma recuperação do mito simplificador do bom selvagem; trata-se apenas de reparar nas próprias coisas segundo dados históricos. Por muito que esses povos tenham causado dano ao ambiente, tudo o que fizeram é pálido em comparação com o que o Ocidente, que se revê na ideologia da ação da fábula de Higino, fez e continuará a fazer. Tudo indica, mais uma vez, que o caminho da aceitação não será trilhado pelo Ocidente, apesar de existirem sinais pontuais dele, refém como está dos valores que essa fábula endeusa.<sup>5</sup> A Dor, a Doença e a Morte são inimigos a combater em quem nunca se viu qualquer bondade e a quem nunca se quis ouvir. E têm tanto a dizer! Ao conjunto dos inimigos, acrescentaram-se as alegadas imperfeições do barro humano; o combate parece não ter fim, alimentado pelo seu próprio fogo. Não se percebe que há um equívoco fundamental em tudo isto. Mais do que inimigos a combater, os inimigos são criados pela

---

5 Para alguns desses sinais, ver, por todos, Harrington (2008).

ideologia da ação humana autocentrada sobre si mesma, em revolta contra a ordem natural e metafísica. Talvez não existam inimigos; a natureza humana não pode ser, por definição, inimiga do humano. Higino e uma longa lista de intelectuais ocidentais, conjunto em que Platão tem uma responsabilidade desproporcionada, criaram o ódio contemporâneo à natureza, disfarçando-o de rótulos esperançosos, lisonjeiros e mentirosos sobre os alegados méritos do agente e de recompensas que o esperam pela alegada bondade da sua ação, do conforto material à sempre fugidia “vida saudável”. Estamos, pois, muito longe da sabedoria das velhas *artes moriendi* medievais que advogavam que nenhuma esperança fosse dada ao enfermo de melhorar a saúde do corpo, para que a ideia de morte ocupasse progressivamente o seu espírito: “there should not be given first to no man too much hope of bodily heal” (Comper, 1917, p. 33).

A surdez perante estas formas antigas da sabedoria do cuidar reitera-se vezes sem conta nas situações de cuidados de saúde avançados. Tirando os executantes da nova liturgia da saúde, todas as pessoas estão a mais. Perante a complexidade científica e técnica da medicina biotecnológica, os não especialistas fazem silêncio. Quando se trata de decidir algum ponto complicado, os eticistas têm pouco a dizer perante o domínio autossuficiente da racionalidade dos cuidados sofisticados. Lá fazem o teatro cívico de dizerem algo simpático mas inconsequente. São ouvidos, por enquanto, por mera cortesia. Não é apenas a ética que se tornou serviçal dos cuidados de saúde hipertecnológicos; as próprias pessoas estão a caminho da servidão total à fuga para a frente do boneco da Cura.

Está, pois, ainda em aberto a procura da fábula perfeita para a nossa época. A Cura de Higino, o Golem judaico ou o *cyborg* contemporâneo são símbolos de não aceitação e de revolta política. Nenhum deles tem sabedoria. Todos eles andam à procura de algo que atenuie a vergonha do barro. Nada há a esperar de seres que não aceitam a sua natureza: não têm paz e não podem dar paz. Não passam

de meros adolescentes à procura do seu rosto. Não sendo coniventes com uma vida sem sabedoria, teríamos de abandonar a fanfarra cansativa, tola e inconsequente. Abandonar, talvez esteja ainda ao alcance de todos, a despeito da pressão que a fanfarra faz para que a saúde seja o único centro da vida humana; mas em que direção caminharíamos? É provável que todos saibamos perfeitamente qual é a fábula de que precisamos, mas, sendo insuportável mirar a vida desse ponto de vista, tal a força da ideologia da ação de que estamos reféns, finjamos alegremente que a ação é decisiva e que o cuidar é meritório. Este caminho do ódio ao ser aquilo que se é não tem futuro. Todas as pequenas alegrias que derivam dos grandes passos que estão a ser dados na melhoria da saúde humana têm um preço demasiado elevado: são bons negócios para uns mas péssimos negócios para todos os mais. E mesmo que, no melhor dos mundos, fossem bons negócios para todos os seres humanos, o que se ganharia com isso? O verniz do cuidado não seria riscado e continuaríamos a fazer o que sempre fizemos. Tanto esforço para nada. É, pois, impossível viver bem sem Sabedoria. A Ciência não é suficiente.

É, pois, este o logos da procura universal de uma nova fábula para o cuidar.

## Referências

- Afonso X, o Sábio (1959). *Cantigas de Santa Maria*, vol. I, ed. Walter Mettmann. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis.
- Ball, Philip (2011). *Unnatural: The Heretical Idea of Making People*. London: The Bodley Head.
- Bluteau, Raphael (1712). *Vocabulario Portuguez e Latino (...)*, vol. II. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu.
- Cícero (2014). *Textos Filosóficos*, II, *Diálogos em Túsculo*, trad. J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Comper, Frances M. M., ed. (1917). *The Book of the Craft of Dying, and Other Early English Tracts concerning Death*. London: Longmans, Green, and Co.
- Curado, Manuel (2016). “Espera e Espelho: Um Ensaio Trivial”, *Revista Paranoá: Cadernos de Arquitetura e Urbanismo* [Universidade de Brasília], 16, pp. 105-120.
- Harrington, Anne (2008). *The Cure Within: A History of Mind-Body Medicine*. New York: W. W. Norton.
- Higino, Cayo Julio (2008). *Fábulas. Astronomía*, ed. Guadalupe Morcillo Expósito. Madrid: Akal.
- Kausler, E. H. v., herausg. (1846). *Cancioneiro Geral: Altportugiesische Liedersammlung des Edeln Garcia de Resende*, I. Stuttgart: Gerdruckt auf Kosten des literarischen Vereins.
- Koestler, Arthur (1967). *The Ghost in the Machine*. New York: The Macmillan Press.
- Machado, José Pedro (1952). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Maler, Bertil, ed. (1956). *Orto do Esposo: Texto Inédito do Fim do Século XIV ou Começo do XV*, vol. I, edição crítica. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro.
- Ribeiro, Victor (1907). *História da Beneficência Pública em Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

Rolland, Francisco [pseud. F.R.I.L.E.I.] (1841). *Adagios, provérbios, rifaões, e anexins da língua portugueza (...)*, nova edição correta, e augmentada. Lisboa: Typographia Rollandiana.

Tallis, Raymond (2011). *Aping Manking: Neuromania, Darwinitis and the Misrepresentation of Humanity*. Durham: Acumen.

Manuel Curado